

O LUGAR DA FICÇÃO CIENTÍFICA

Lívia de Pádua NOBREGA¹

GT 1 – Discursividades Midiáticas e Textualidades na Mídia

RESUMO

O trabalho objetiva situar a ficção científica como lugar importante para discutir questões que o desenvolvimento científico e tecnológico demanda para o mundo. A justificativa reside no constante advento tecnocientífico e nas rápidas e intensas transformações que emergem como consequência em diversas esferas sociais. Este cenário faz com que temas da ficção e não-ficção se interseccionem em um diálogo que diz sobre a natureza e relações do *sci-fi* com a ciência, tecnologia e mundo contemporâneo. Parte-se da primeira etapa (análise de conteúdo) preconizada como procedimento metodológico na Teoria do Imaginário, de Gilbert Durand, para analisar como tais temáticas são mobilizadas pela narrativa. Toma-se como objeto empírico a saga estadunidense *Battlestar Galactica* (1978 – 2010). Considera-se que a ficção científica atravessa a tecnociência, mas caracteriza-se como um conjunto de imagens e discursos pautados primordialmente pela liberdade criativa. Consideradas essas especificidades, o gênero configura-se como um espaço de discussão e circulação de saberes.

Palavras-chave: Ficção Científica. Tecnociência. *Battlestar Galactica*.

INTRODUÇÃO

Observa-se nos estudos sobre ficção científica (FC) algumas abordagens mais comuns. A primeira trata da retroalimentação entre o gênero e a realidade, em um movimento no qual um polo pauta e é pautado pelo outro. Apesar da influência recíproca entre *sci-fi* e real ocasionalmente ocorrer, não se trata de estabelecer uma relação de mútua afetação tomada como segura. A circularidade entre realidade e ficção acontece, mas não é objetivo nem condição da FC.

Isso leva ao segundo tipo de abordagem, que observa o *sci-fi* como um estilo que antecipa o futuro. Le Guin (2014) atenta que, embora a antecipação seja um elemento da FC, não se trata de seu fundamento.

¹ Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais; Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás; Jornalista pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás e Historiadora pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: liviapaduanobrega@gmail.com



Toda ficção é metáfora. Ficção Científica é metáfora. O que a separa de formas mais antigas de ficção parece ser o uso de novas metáforas, tiradas de alguns grandes dominantes de nossa vida contemporânea – ciência, todas as ciências, entre elas a tecnologia [...] O futuro, em ficção, é uma metáfora (LE GUIN, 2014, p. 11).

Referindo-se a seu ciclo de histórias ambientadas em uma sociedade na qual não existe a divisão entre gêneros, a autora enfatiza:

Este livro não é sobre o futuro. Sim, ele começa anunciando que se passa no “Ano Ekumênico 1490-97”, mas com certeza você não *acredita* nisso! Sim, de fato as pessoas lá são andróginas, no entanto isso não significa que eu esteja prevendo que todos seremos andróginos dentro de um milênio, mais ou menos, ou anunciando que acredito, sim, que deveríamos, ora bolas, ser andróginos. Estou apenas observando, da maneira peculiar, tortuosa e experimental própria da ficção científica, que, se você olhar para nós em certos momentos, dependendo de como está o tempo lá fora, já somos andróginos (LE GUIN, 2014, p. 11, grifo da autora).

Temas que outrora poderiam ser classificados como típicos do *sci-fi*, como a criação de máquinas superiores a certos tipos de inteligência humana e capazes de criar outras ainda mais avançadas, já são um fato. A constatação, porém é puramente casual, não sendo, pois finalidade do gênero.

Um terceiro enfoque considera a FC e o ensino de ciências, detectando erros e acertos de narrativas em termos científicos. De acordo com Piassi e Pietrocola (2009), o procedimento ignora as condições de produção do relato ficcional. Os autores entendem o *sci-fi* não como um gênero que possui relação com a ciência, mas que emprega uma racionalidade do tipo científica para produzir conjecturas sobre a realidade.

Muito se problematiza a partir da aparente contraditória junção dos termos ficção - que pressupõe a dimensão inventiva - científica, que alude aos rigores do método. Adota-se aqui todas as ambiguidades que a expressão sugere: um gênero atravessado pela ciência, mas que opera prioritariamente pela liberdade de criação. Carneiro (1968) chama a atenção para:

Ensina a gramática que no caso da combinação de dois substantivos, nenhum deles guarda inalterada a acepção: os dois sentidos modificam-se reciprocamente. A ciência em “science-fiction” não é científica, mas deliberadamente ficcionalizada. Por outro lado, FICÇÃO em “science-fiction”, não quer ser mera ficção, mas



possibilidade científica. Em suma: trata-se de CIÊNCIA que não exige deduções e provas, mas que exige ser aceita (CARNEIRO, 1968, p. 13, norma ortográfica da época).

A FC constrói representações das questões que apresenta e de acordo com o modo como as apresenta. Ao oferecer referentes discursivos e imagéticos, essas narrativas conformam uma determinada cosmovisão, muitas vezes constituindo o ponto de partida para discussões sobre temas que a ciência e tecnologia demandam para a contemporaneidade. Cartografar as temáticas e o tratamento dado a elas ao longo do tempo de vida de uma saga possibilita compreender como a FC mobiliza o desenvolvimento científico e tecnológico que lhe foi contemporâneo. Assim, a narrativa se complexifica conforme novas questões passam a fazer parte do campo problemático da ciência de determinado contexto. Por se tratar de campos independentes, a questão não é saber como uma pauta o outro, mas considerar que os modos de ver circulantes no gênero refletem, em alguma medida, questões sociotécnicas de um contexto.

Em estudo sobre refilmagens de FC, Oliveira (2009; 2011) entende o gênero como expressão ficcional da ciência. Um modo pelo qual o entretenimento faz circular o que ela denomina informações não científicas sobre ciência. A informação não científica sobre ciência possui dupla natureza: científica e ficcional, que determinam a sua constituição, circulação e recepção. Ela não resulta da verificação pelo método, mas tem potencial de gerar informação científica, ainda que em termos estéticos e criativos. Se em um artigo científico a relação do leitor é com o conteúdo, na obra ficcional a relação está no plano de expressão, “A forma de se dizer algo, na obra ficcional, suplanta o próprio conteúdo explícito em si” (PIASSI; PIETROCOLA, 2009, p. 536). Conforme Flamarion (2006, p. 21):

Não há dúvida, aliás, de que a ficção científica, em qualquer de seus veículos, sempre esteve eivada de erros científicos, frequentemente com pleno conhecimento de causa de quem os cometesse: este seguia alguma razão ficcional, argumentativa ou simplesmente de busca de efeito para introduzir o erro, pois estamos num terreno ficcional, não na produção de tratados ou manuais científicos.

Isso se dá, pois a FC não busca alcançar a ciência, mas tão somente o efeito de ciência (DUFOUR, 2012). Segundo Oliveira (2009), as informações que circulam nas produções midiáticas validam outro tipo de conhecimento, diferente daquele



formalizado pelo método. Veiculam um ponto de vista por meio do qual não apenas o discurso científico é capaz de gerar conhecimento. A FC estabelece-se assim como um espaço legítimo de saber, distinto da ciência, mas válido em suas especificidades, “[...] tais produtos ficcionais carregam sentidos, e não definições explícitas de conteúdo científico” (OLIVEIRA, 2009, p. 04).

A FC possibilita perceber que apesar de suas ideias estarem ancoradas no reino da ficção, tais possibilidades são ao menos insinuadas na ciência (LUNCEFORD, 2015). O discurso ficcional estabelece uma adesão superficial ao sistema de ideação da ciência e tecnologia, mas ainda que essa aderência seja fraca, ela aciona questões que povoam o mundo além da ficção.

METODOLOGIA

Parte-se da primeira etapa de procedimentos metodológicos sistematizados por Durand (2012) na Teoria do Imaginário, dedicada a mapear elementos simbólicos, arquétipos e mitos em uma obra. Para tanto, ele postula a Mitocrítica – que realiza o recenseamento dessas simbolizações – e a Mitanálise, que traça o percurso de elevação, transformação e declínio de um mito. Trata-se de uma teoria da interpretação de base hermenêutica, da qual, para fins desse resumo, realizou-se um recorte da pesquisa de doutorado da autora² concentrando-se na análise de conteúdo que é o primeiro passo da análise durandiana.

Adotou-se como objeto as quatro séries que compõem a saga *Battlestar Galactica*: a série original homônima (1978); a continuação *Galactica* (1980); a refilmagem homônima da série original (2004 – 2009) e o *spin-off* *Caprica* (2010). O enredo centra-se no conflito entre humanos e robôs.

RESULTADOS

A adesão ao sistema ideacional da tecnociência foi identificada a partir da ideia de consciência como atributo de leitura do que constitui um robô na saga. Permeia essa aderência a presença de um vocabulário minimamente afinado com as discussões

² Para mais, consultar “O Imaginário sobre Robôs em Séries de Ficção Científica: A Saga *Battlestar Galactica* (1978 – 2010)”, disponível no Repositório Institucional da UFMG: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/34077/1/Tese_OImagin%c3%a1rioSobreRob%c3%b4sEmS%c3%a9riesDeFic%c3%a7%c3%a3oCient%c3%adfica.pdf
Acesso: 16/Set./2020.



sobre a consciência maquínica, que por meio da ficção, permite acessar o campo problemático da ciência que as séries tematizam. Esta convocação à ciência por vezes ocorre indiretamente, sem a nomeação de conceitos e teorias, mas assumindo tais perspectivas. A origem e modo de funcionamento destes robôs aludem a noções de diversos campos das tecnociências, como: autoconsciência, senciência, robótica evolutiva, individuação, pós-humano, singularidade, hibridização, *big data*, *machine e deep learning*, mente incorporada etc - que se desdobram do que emerge nomeadamente como *download* de memória e consciência. Questões estas que tangenciam um modo de existência maquínico, novas formas de vida e subjetividades.

CONCLUSÕES

A intersecção entre ciência, tecnologia e ficção torna o *sci-fi* um lugar legítimo para discutir questões que o desenvolvimento científico e tecnológico demanda para o mundo, consideradas as particularidades criativas de uma narrativa que não objetiva corresponder ao método científico. Há uma adesão superficial da ficção ao sistema de ideias da tecnociência, que se torna mais complexa conforme novos temas emergem no campo problemático da ciência de acordo com o contexto.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, André. **Introdução ao estudo da “Science-Fiction”**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1968.

DUFOUR, Éric. **O Cinema de Ficção Científica**. Lisboa, Portugal: Edições Texto & Grafia, 2012.

DURAND, Gilbert. Passo a passo mitocrítico. **Revista ao pé da letra**, v. 4.2, 2012.

FLAMARION, Ciro. Ficção Científica, percepção e ontologia: e se o mundo não passasse de algo simulado?. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, RJ, v. 13, Out./2006.

LE GUIN, Ursula K. **A mão esquerda da escuridão**. São Paulo: Aleph, 2014.

LUNCEFORD, Brett. The Ghost in the Machine: Humanity and the problem of Self-Aware information. *In*: HAUSKELLER, Michael; PHILBECK, Thomas D.; CARBONELL, Curtis D. (Orgs.). **The palgrave handbook of posthumanism in film and television**. UK: Palgrave Macmillan, 2015.

OLIVEIRA, Carmen Irene C. de. A informação articulando a ficção e a ciência. *In: X Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - A responsabilidade social da ciência da informação*. João Pessoa: Idea Editora Universitária, v. 1, 2009.

OLIVEIRA, Carmen Irene C. de. Informação em produtos culturais: O estatuto da informação não-científica sobre a ciência. **DataGramZero** – Revista de Informação, v. 12, n. 5, Out. 2011.

PIASSI, Luís Paulo; PIETROCOLA, Maurício. Ficção Científica e ensino de ciências: Para além do método de ‘encontrar erros em filmes’. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 3, Set./Dez. 2009.